

# Compulsão à repetição na metapsicologia freudiana\*

*Douglas Rodrigo Pereira\*\**, São Bernardo do Campo

*Eva Maria Migliavacca\*\*\**, São Paulo

*Temos o objetivo de apresentar os usos que Freud faz do conceito de compulsão à repetição. Destacamos três momentos: 1) a postulação desse tipo de repetição em Recordar, repetir e elaborar (1914); 2) o modo de funcionamento pulsional e base para a sustentação das pulsões de morte como se verifica em Além do princípio de prazer (1920); e 3) sua utilização como forma de resistência do id em Inibição, sintoma e angústia (1926). Indicamos duas dimensões deste conceito: 1) função de estabelecer o trabalho de ligação (Bindung); e 2) repetição como elemento da natureza das pulsões. Concluímos enfatizando que Freud trabalhou o conceito de compulsão à repetição em uma constante relação e reflexão sobre a dialética entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.*

*Palavras-chave: compulsão à repetição, pulsão, transferência, atuação.*

---

\* Apresentação dos resultados parciais da pesquisa de mestrado *Compulsão à repetição na clínica psicanalítica*, financiada pela FAPESP. Agradecemos a supracitada agência de fomento pela bolsa e apoio consentidos.

\*\* Psicólogo, mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

\*\*\* Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Professora titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

Em uma nota de rodapé ao caso Emmy von N., acrescentada em 1924, Freud (1895) faz uma interessante menção à compulsão à repetição. Num congresso científico, encontra um médico que também cuidara da citada paciente. Interessado em obter notícias, Freud pergunta ao colega se ele tem alguma informação sobre Emmy von N.:

Sim, respondeu, conhecia, e ele próprio lhe fizera um tratamento hipnótico. Ela havia passado, com ele – e com muitos outros médicos – por um processo idêntico ao que tivera comigo. Seu estado se agravara muito; ela havia recompensado o tratamento hipnótico feito com ele, abandonando-o e mais uma vez deixando que a doença retomasse seu pleno curso. *Era um caso autêntico de compulsão à repetição* (Freud, 1895, p. 132-133, grifos nossos).

Ao ouvir que a Sra. Emmy von N. continuara repetindo com outros médicos o que vivera com ele, Freud impressionou-se tanto que o fato permaneceu em sua memória. É curioso notar que tanto tempo depois da primeira publicação dos *Estudos sobre a histeria* (1895), ele escreva uma nota atribuindo o fracasso terapêutico desse caso a esse fenômeno repetitivo. Qual foi o papel que esse conceito passou a ter em sua obra?

Compreendendo a relevância do tema, temos o objetivo de apresentar os usos que Freud faz do conceito de compulsão à repetição. Destacamos três momentos da obra freudiana: 1) a postulação desse tipo de repetição em *Recordar, repetir e elaborar* (1914); 2) o modo de funcionamento pulsional e base para a sustentação da hipótese das pulsões de morte como se verifica em *Além do princípio de prazer* (1920); e 3) sua utilização como forma de resistência do id em *Inibição, sintoma e angústia* (1926).

## **Compulsão à repetição e atuação em *Recordar, repetir e elaborar***

O artigo *Recordar, repetir e elaborar* (1914) é central em qualquer discussão ou estudo sobre a compulsão à repetição. É nele que Freud apresenta a constatação clínica da impossibilidade de o analisando recordar a totalidade do que foi recalçado. Nesse contexto, a compulsão à repetição é utilizada para explicar a tendência em atuar o recalçado ao invés de recordá-lo. O cerne do texto está na polaridade atuação/recordação como diferentes formas de retorno do recalçado.

A recordação e o esquecimento são processos complexos. Em 1914, Freud

distingue dois tipos de esquecimentos: 1) aqueles relacionados às experiências que, de alguma forma, foram vividas conscientemente. Aqui a experiência esquecida foi recalçada, e as lembranças encobridoras atuam como uma formação de compromisso entre o recalçado e a defesa; e 2) os que estão relacionados com as experiências que nunca foram conscientes. Ora, como algo pode ser esquecido se nunca foi consciente? Existem vivências que não podem ser recuperadas, pois dizem respeito às experiências infantis remotas que não puderam ser compreendidas à época, mas que foram interpretadas *a posteriori*. É por meio da interpretação dos sonhos que podemos entrar em contato com essas experiências primitivas, já que elas se manifestam predominantemente na produção onírica.

Continuando sua argumentação, Freud indica que existem dois tipos de analisandos: 1) aqueles que recordam os acontecimentos, mas, no decurso da análise, deixam de fazê-lo; e 2) outros que, desde o início do trabalho analítico, não recordam absolutamente nenhuma experiência recalçada. Nesse segundo caso, o analisando não recorda, mas, sim, atualiza, atua (*Agieren*) e revive o que deveria ser recordado. Repete sem saber que se está repetindo. Com efeito, ocorre aqui a distinção entre duas formas de retorno do recalçado. O analista espera que esse último retorne por meio da recordação, realizada conforme o processo secundário. Entretanto, alguns pacientes não recordam dessa forma. Nesses casos, o retorno do recalçado ocorreria por meio da atuação (*Agieren*) na transferência.

Enquanto o paciente estiver em tratamento, “não estará livre desta compulsão à repetição; compreende-se, finalmente, que esta é sua maneira de recordar” (Freud, 1914, p.152, grifos nossos). Essa é a primeira vez que Freud utiliza esse conceito. É, sobretudo, a relação entre compulsão à repetição, transferência e resistência que interessa a Freud. A transferência é vista como uma parcela da compulsão à repetição: essa última, mais abrangente, passa a ser uma das causas diretas da primeira. O analisando submete-se à compulsão à repetição não somente na análise, mas em sua vida de forma geral. Quanto mais intensas forem as resistências, mais a recordação será substituída pela atuação (*Agieren*). Resta saber: o que de fato se repete nas atuações? Repete-se o que avançou do recalçado para a vida do sujeito, como suas inibições, posturas e seus sintomas. Para o analista, conseguir que o analisando recorde o que foi recalçado continua sendo sua meta – mesmo sabendo que ela não poderá ser completamente atingida.

Como vemos, o conceito de compulsão à repetição é central para Freud explicar e compreender a metapsicologia da atuação (*Agieren*). Ele vê-se obrigado, aos poucos, a abandonar sua credulidade na recordação (Green, 2008). De certa

maneira, esse abandono marca o surgimento de uma clínica centrada na repetição (Assoun, 2009).

Com a constatação dos limites da capacidade de recordação, cabia a pergunta: ainda seria possível fazer análise? Na tentativa de encontrar respostas para essa pergunta, Freud conduzir-nos-á para novos rumos, que nos levarão para a segunda teoria pulsional (Green, 2008).

## **Repetição, neurose traumática e *fort/da***

Em *O estranho* (1919), Freud faz referência a um trabalho já concluído, mas ainda não publicado. Trata-se de *Além do princípio de prazer* (1920). Nota-se que não há nenhuma menção às pulsões de vida e às pulsões de morte. Freud enfatiza a compulsão à repetição:

Remeto o leitor a uma nova exposição do tema num trabalho já concluído. Limito-me, pois, a assinalar que *a atividade psíquica inconsciente está dominada por um automatismo de repetição (compulsão à repetição) inerente, com toda probabilidade, à essência mesma das pulsões – repetição com potencial de poder suficiente para se sobrepor ao princípio de prazer; um impulso que confere a certas manifestações da vida psíquica um caráter demoníaco, que também se manifesta com grande nitidez nas tendências das crianças pequenas, e que também domina parte do curso do tratamento dos pacientes neuróticos* (Freud, 1919, p. 2496, grifos do autor).

Como vemos acima, Freud, em poucas linhas, apresenta algumas das modificações essenciais que irá expor no seminal texto de 1920. A compulsão à repetição passará a ser inerente à natureza das pulsões.

Em um primeiro momento, todo o trabalho de Freud, em *Além do princípio de prazer*, consiste em colocar à prova o alcance do princípio de prazer. Como sabemos, o aparelho psíquico é regulado pelo princípio de prazer. Isso significa que os eventos psíquicos são movimentados pela tendência a diminuir a tensão ocasionada pelo acúmulo de excitação. Trata-se, pois, de uma concepção essencialmente econômica da relação prazer/desprazer. Se o aparelho psíquico é movimentado pela busca de prazer, obtido pela satisfação das exigências pulsionais, e o acúmulo é sentido como desprezer, então o primeiro tempo dessa ação é o acúmulo de energia, pois é justamente seu escoamento que será sentido como prazer. Via de regra, só é possível obter prazer (diminuição de energia livre

no aparelho) se anteriormente houver desprazer (acúmulo de energia livre no aparelho).

Freud procura, sobremaneira, encontrar fenômenos que não estão submetidos ao supracitado princípio. Nessa busca, elenca quatro fenômenos: 1) trauma; 2) brincadeira infantil do *fort/da*; 3) repetição transferencial de situações desprazerosas; 4) compulsão de destino<sup>1</sup> (*Schicksalzwang*).

Remetendo-nos à clínica do trauma, Freud afirma que a neurose traumática ocorre após uma intensa carga de energia despendida, seja em graves acidentes e/ou desastres de uma forma geral. Os sonhos dos traumatizados recolocam o sujeito na situação traumática. Em suas vidas despertas, no entanto, não estão interessados em pensar no evento traumático. Aliás, é provável que conscientemente prefiram evitá-lo. Surge um problema: como alinhar a constatação de que o sonho é a realização de desejo, se os traumatizados insistem em sonhar com os eventos traumatizantes? Nesse momento, Freud não chega a resolver o problema, mas pensa que, nos traumatizados, a função onírica poderia estar prejudicada. A pergunta que resta: esse tipo de sonho nos dá indícios de processos psíquicos além do princípio de prazer?

Da análise da neurose traumática, Freud leva-nos, abruptamente, a examinar os processos psíquicos relacionados a uma situação da vida cotidiana: a brincadeira das crianças. Para exemplificar a compulsão à repetição atuando na vida psíquica, ele utiliza a simples brincadeira de uma criança pequena – que sabemos ser seu próprio neto, filho de sua amada Sophie (Gay, 1989). A criança era obediente e nunca chorava quando sua mãe se ausentava, a despeito de sua forte ligação com ela. Ele tinha o hábito de agarrar objetos e atirá-los para longe, emitindo um som *o-o-o-ó*. Esse som vinha acompanhado por uma expressão de satisfação. Freud e a mãe da criança concordaram em interpretar este som como uma tentativa de expressar a palavra alemã *fort*, que significa *partir, ir embora*. Em seguida, puxava o cordão para que o carretel reaparecesse. Assim que o via, expressava *da*, que significa *ali*. A brincadeira da criança consistia em fazer *desaparecer e reaparecer* o objeto, configurando assim uma espécie de jogo.

Como relacionar a repetição dessa situação aflitiva, a ausência da mãe, com o princípio de prazer? Freud chega à conclusão de que a brincadeira possuía

---

<sup>1</sup> *Schicksalzwang*, literalmente *compulsão de destino* (Laplanche; Pontalis, 1995). Comumente fala-se em neurose de destino. Contudo, entendemos que compulsão de destino exprime adequadamente a natureza do fenômeno em questão: a coerção compulsiva que obriga o sujeito a manter um determinado posicionamento subjetivo – que o conduzirá para vivências idênticas, construindo, assim, uma espécie de destino maligno, visto que se repetem experiências desprazerosas. Em sua tradução da obra de Freud, em 2006, Hanns também utiliza compulsão de destino.

o objetivo de possibilitar à criança a sensação de ser ativa, colocando-se como sujeito da ação na situação. Com isso, a sentença ficaria assim: “mamãe não abandonou o filho, foi o filho que a mandou embora”. Não restavam dúvidas de que o prazer do menininho estava relacionado com o movimento de fazer o objeto retornar: tratava-se de uma forma de lidar com a renúncia pulsional ligada à ausência da mãe. O processo de tornar-se ativo, em relação à vivência desprazerosa, poderia sugerir a existência de um evento psíquico independente do princípio de prazer? A resposta é negativa, pois esse exemplo mostra que, mesmo repetindo a vivência desagradável na brincadeira, a ação da criança está submetida ao princípio de prazer.

Até o momento, Freud conclui: nem os sonhos dos traumatizados, tampouco as brincadeiras das crianças, indicam a existência de eventos psíquicos que coloquem à prova o princípio de prazer. Em ambos os casos, mesmo com a repetição de situações dolorosas, o desprazer é evitado e o prazer é alcançado com essas repetições. Com efeito, veremos como, com base em fenômenos clínicos, Freud encontra consistência para postular a existência de uma compulsão à repetição atuando além do princípio de prazer.

### **Transferência e compulsão de destino: a constatação clínica da compulsão à repetição além do princípio de prazer**

Freud, cada vez mais, viu-se diante da impossibilidade de o analisando recordar suas experiências mais importantes. A parcela do que é repetido e do que é recordado varia de acordo com cada caso. Nesse momento, a compulsão à repetição, que se manifesta na transferência, é associada à resistência do ego. Assim, a transferência é utilizada pela resistência quando o analisando se aproxima de experiências que causariam desprazer. Por essa razão a resistência luta para impedir que o recalçado retorne – o princípio de prazer continua soberano. É preciso entender que o inconsciente não exerce resistência, pois, ao contrário, sua meta é irromper no consciente e livrar-se da pressão que pesa sobre ele.

Com efeito, a compulsão à repetição é a expressão direta do recalçado, em seu ímpeto para manifestar-se incondicionalmente. Qual é a relação entre o princípio de prazer e a compulsão à repetição? É interessante a afirmação de Freud: “[...] *quase* tudo que a compulsão à repetição consegue fazer o paciente reviver outra vez causa muito desprazer ao eu”, já que “[...] as atividades de moções pulsionais recalçadas são expostas” (Freud, 1920, p.145, grifos nossos). Vemos que nem tudo o que se repete causa desprazer. Por conseguinte, a compulsão

à repetição está relacionada tanto à repetição do desprazer, quanto às repetições relacionadas ao princípio de prazer (Bleichmar, 1988). Se Freud enfatiza o aspecto desprazer desse tipo de repetição, é com o objetivo de destacar o caráter radical e *demoníaco* relacionado à insistência de determinadas situações que nunca produziram prazer.

Agora sabemos: foi da constatação da compulsão à repetição em análise, por meio da transferência e da resistência, que Freud pôde sustentar a hipótese de processos que não estão submetidos ao princípio de prazer.

Além da transferência de vivências desprazerosas, a constatação de que algumas pessoas preparam, ativamente, seus destinos cruéis e, assim, dão a impressão de estarem sendo perseguidas por mazelas demoníacas, levou Freud a pensar em uma espécie de compulsão de destino atuando na vida psíquica. Esse tipo de fenômeno é determinado pelas experiências infantis precoces. Nesses casos, existem repetições, reedições dos mesmos padrões de relações objetais e cristalização de um determinado funcionamento psíquico. É como se houvesse várias montagens de uma mesma peça, com atores, cenários e figurinos diferentes entre cada uma delas. Não obstante, os papéis, a dinâmica e o desfecho continuam os mesmos.

Ao levarmos em conta essas observações a respeito da transferência e a fatalidade presente no destino de tantos seres humanos, vemo-nos encorajados a assumir a hipótese de que realmente existe na vida psíquica uma compulsão à repetição [*Wiederholungszwang*] que ultrapassa o princípio de prazer. Estaremos também inclinados a relacionar essa compulsão [*Zwang*] aos sonhos que ocorrem na neurose traumática, bem como ao impulso [*Antrieb*] da criança para a brincadeira (Freud, 1920, p. 148).

A transferência de experiências desprazerosas e a compulsão de destino dão subsídios para Freud levantar a hipótese de algo além do princípio de prazer. Os sonhos dos traumatizados e a brincadeira do *fort/da* são exemplos da articulação entre a repetição do desprazer e o prazer de se tornar ativo numa vivência sentida como abandono do objeto. A brincadeira do menino, mesmo repetindo a situação dolorosa, vincula-se ao princípio de prazer, pois repete a vivência desprazerosa para que possa se tornar ativo na experiência. Mesmo na repetição de situações desprazerosas na clínica, o ego utiliza a transferência como resistência, já que, sob o domínio do princípio de prazer, deve manter o recalco distante do pré-consciente. Nesse caso, portanto, temos a articulação entre a compulsão à repetição

e o princípio de prazer. Nos sonhos dos traumatizados, a repetição onírica da cena traumática tem o objetivo de também fazer com que a pessoa viva o medo e os afetos que não puderam ser vividos à época da experiência.

## **A compulsão à repetição e a *Bindung***

Quando Freud (1920) inicia o quarto capítulo de *Além do princípio de prazer*, indicando que o restante do texto terá um caráter especulativo, pode-se entender que, anteriormente, seus argumentos estavam baseados em outro tipo de sustentação – consequentemente não especulativa. Até o momento tratava-se de fenômenos clínicos (neurose traumática e transferência) e da vida cotidiana (*fort/da* e compulsão de destino). Dentre os diversos elementos presentes nessa parte, interessa-nos a relação entre a compulsão à repetição e a ligação (*Bindung*).

Freud inicia a especulação psicanalítica realizando considerações sobre uma vesícula viva. A superfície desse organismo primitivo, voltada para o exterior, teria a função de ser receptora dos estímulos. Supõe-se que o impacto intermitente dos estímulos externos sobre a vesícula modificaria permanentemente a substância de sua superfície, formando, assim, uma espécie de crosta protetora. A superfície receptora recebe tantos estímulos que chega a se tornar inorgânica. Sem esse tipo de proteção, a substância viva seria aniquilada pela intensidade de estímulos. Com isso, a crosta de matéria morta faz que as camadas abaixo recebam menos energias diretamente.

A crosta protege a vesícula dos estímulos externos, e Freud ressalta que não há um escudo contra a excitação interna, pois não existe uma camada interior para reduzir seu impacto. Se o trauma ocorre com a ruptura da barreira protetora, como haverá trauma se não há essa mesma barreira internamente? Como se verá a seguir, o trauma está muito mais ligado à incapacidade de o aparelho conseguir ligar as energias livres.

A neurose traumática é considerada consequência de uma ruptura do escudo protetor. Contudo, efetivamente, o que caracteriza o trauma não é necessariamente o choque, mas a ausência de preparação para o evento traumatizante. Sem esse aviso prévio, podemos ficar quase que imobilizados para nos defendermos das experiências intensas e excessivas. Se pudéssemos prever os eventos traumáticos, poderíamos construir defesas com as energias em estado de repouso. A prontidão para o medo e as paraexcitações dos sistemas receptores constituem a linha de defesa contra o excesso de excitação. O trauma, nesta acepção, ocorre quando o sistema não está preparado para se defender. É assim que podemos pensar na



existência do trauma interno, ocorrido por um acúmulo ou uma descarga demasiadamente intensa de energia, desestabilizando o aparelho e impossibilitando-o de defender-se desse ataque interno.

O trauma provoca perturbações na economia das energias do organismo, pois há uma espécie de inundação de excitação de grande intensidade. Sem conseguir impedir que as excitações invadam o aparelho psíquico, o organismo trabalha para ligar as energias livres à reserva de energia ligada. O papel do aparelho psíquico é atar (*Bindung*), ligar as energias livres e móveis, imobilizando-as. Para exemplificar, Freud utiliza a dor física, entendida como consequência do rompimento do escudo protetor em uma determinada região.

Qual será a reação do organismo em relação ao excesso de estímulos? Haverá a convocação de energias de todos os lados para que o organismo possa combater o excesso de estímulo. Esse excesso imobiliza o aparelho, impedindo-o de processar psiquicamente a enorme quantidade de energia que o invade. Seria uma espécie de contra-ataque a um exército que invadiu o território inimigo. Sendo assim, quanto maior a reserva de energia quiescente, tanto maior será também a sua capacidade e força para atar as energias livres. A *Bindung* consiste, pois, justamente no processo de enlaçamento e ligação das energias, colocando-as em repouso e submetendo-as ao modo de trabalho realizado no processo secundário.

Tanto os sonhos dos traumatizados, quanto os sonhos que ocorrem durante a análise e remetem à recordação do trauma infantil, “[...] obedecem muito *mais* à compulsão à repetição, [*Wiederholungszwang*] [...]” (Freud, 1920, p. 156, grifo nosso). É interessante Freud indicar que esses tipos de sonhos obedecem muito mais à compulsão à repetição, mas não afirmar que obedecem exclusivamente a ela. Assim como se viu anteriormente, a compulsão à repetição é relacionada tanto com o princípio de prazer quanto com os fenômenos que não são regidos por ele. Qual seria, então, o processo além desse princípio? Trata-se, pois, do processo de ligar as energias livres que invadem o aparelho. Somente após a ligação de uma parcela da energia livre, poderá haver a dominância do princípio de prazer:

Só depois de ter havido um enlaçamento [*Bindung*] bem-sucedido é que poder-se-ia estabelecer o domínio irrestrito do princípio de prazer (e de sua modificação) em princípio de realidade. Enquanto isso não acontece, *a tarefa do aparelho psíquico de processar [Bewältigen] ou enlaçar [Binden] a excitação teria prioridade, não em oposição ao princípio de prazer, mas*

*operando independentemente dela e, em parte, sem levá-lo em consideração*  
(Freud, 1920, p. 159, grifos nossos).

Por conseguinte, a função primitiva, além e aquém do princípio de prazer, é ligar as energias livres, transformá-las em energias atadas/ligadas, submetendo-as ao processo secundário. É na falha da *Bindung*, no processo de ligar, atar as energias em estado livre, que podemos ver a compulsão à repetição atuando (Monzani, 1989). Dito de outra forma, é no fracasso da *Bindung* que a pulsão, em seu estado selvagem e ineducável, poderá manifestar-se em sua plenitude, repetindo-se livremente.

Nesse momento, aparentemente, a função da compulsão à repetição é possibilitar que o processo da *Bindung* seja realizado. Os sonhos dos traumatizados têm o objetivo de recolocar os sujeitos na cena traumática, para que eles possam viver o que não foi vivido na ocasião. A relação entre a *Bindung* e a repetição torna-se evidente: repete-se para que o processo de ligação ocorra. Em suma, ela funcionaria como uma espécie de tentativa de integrar e elaborar as experiências que, devido à forte intensidade, necessitam de alguma resolução para que possam ser ligadas e, assim, tornarem-se passíveis de algum tipo de sentido e pensamento.

Não obstante, podemos formular a seguinte questão: as experiências desprazerosas são repetidas para poderem ser ligadas, possibilitando, dessa forma, a *Bindung*? Ou, inversamente, esse tipo de repetição ocorre porque a *Bindung* não pôde ser realizada, e, assim, o único destino dessas experiências seria a repetição sem objetivo? Não se trata de uma pergunta retórica, pois é de fundamental importância circunscrever se a compulsão à repetição está a serviço da *Bindung*, ou se é justamente onde essa última falha que podemos ver a insistência pulsional. Nesse sentido, a compulsão à repetição torna-se um fenômeno mais elementar do que a própria *Bindung*, pois antecede qualquer possibilidade de ligação. Cintra (2000) salienta essa concepção, afirmando que o ponto de vista de Freud diz respeito à ideia de haver uma repetição cega e sem objetivos:

[...] Antes da *Bindung* originária ainda não se formou aquela mínima capacidade de metabolizar as excitações seja através de descargas, seja através de outros mecanismos de defesa, ou seja, a ideia de Freud é que, neste hipotético momento, as excitações não podem ser encaminhadas a um destino particular através do aparelho psíquico. Se não podem ser “destinadas”, então se repetem. Repetir seria a eventualidade mais extrema, algo que acontece quando a função metabolizadora do aparelho psíquico ainda não se constituiu e, portanto, só resta a repetição (Cintra, 2000, p.70).

Nesse caso, a compulsão à repetição seria um repetir sem objetivo. Repete-se porque a repetição é qualidade da própria pulsão em seu estado bruto.

Vemos configurarem-se duas dimensões: 1) função de repetir para possibilitar a *Bindung* e 2) repetir como fundamento da própria natureza da pulsão. Trata-se, portanto, de uma repetição sem objetivo, sem sentido; cega em sua insistência no mesmo. Com Bleichmar (1988), concordamos que devemos cuidar para não realizarmos apenas uma leitura funcionalista da compulsão à repetição. Se em Freud vemos sua relação com a *Bindung*, nele também vemos o caráter demoníaco, sem objetivo ou função, da compulsão à repetição. Bibring (1943 *apud* Bleichmar, 1988, p. 29) propõe a seguinte distinção: a) tendência repetitiva ou reprodutiva, caracterizada pela preservação da situação traumática; b) tendência restitutiva, relacionada à função de repetição para possibilitar o trabalho da *Bindung*.

## A compulsão à repetição e as pulsões de vida/pulsões de morte

A constatação da compulsão à repetição aquém do princípio de prazer será central na postulação das pulsões de vida/pulsões de morte. As manifestações da compulsão à repetição “não só exibem um caráter altamente pulsional [*Triebhaft*], como também – *quando se opõem ao princípio de prazer* – apresentam até mesmo um caráter demoníaco” (Freud, 1920, p. 159, grifos nossos). O caráter demoníaco decorre justamente dessa espécie de *entidade* que se apodera e transforma o analisando num quase autômato.

Se a compulsão à repetição, quando não está sob a égide do princípio de prazer, possui um caráter pulsional acentuado, como podemos entender sua relação com a pulsão?

Mas, então, qual é a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir [*Zwang zur Wiederholung*]? Nesta altura, talvez estejamos na pista certa para encontrar uma característica universal das pulsões – ou até mesmo da vida orgânica em geral – a qual creio até hoje ainda não foi claramente reconhecida ou pelo menos não devidamente destacada. *Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior* que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou se

preferirmos, da manifestação da inércia da vida orgânica (*Ibid.*, p. 160, grifos do autor).

A pulsão passa, também, a ser conservadora, não mais atuando apenas no sentido do desenvolvimento do organismo.

Além dessas pulsões conservadoras, Freud afirma que, em contrapartida, existem pulsões que trabalham no sentido de desenvolvimento do organismo vivo. Se as pulsões são conservadoras e atuam na direção à regressão, será preciso pensar que o desenvolvimento ocorre devido às forças externas perturbadoras. Esse argumento é reforçado ao pensarmos que, se mantidas as mesmas condições, os organismos não desejariam mudar. Dessa forma, eles repetem seu percurso regressivamente, com vistas às etapas anteriores do desenvolvimento. Se entendermos que todo ser vivo morre, retornando ao estado inorgânico, “*o objetivo de toda vida é a morte*, e remontando ao passado: *o inanimado já existia antes do vivo*” (*Ibid.*, p. 161, grifos do autor). Ora, se existe, na vida psíquica, uma força conservadora, que compele para a repetição do mesmo, deve haver também uma espécie de pulsão que trabalha no sentido de impedir o desenvolvimento do organismo, fazendo esse último retornar até a não-existência. Trata-se, portanto, das próprias pulsões de morte, em seu caráter conservador. Ademais, as pulsões de vida, responsáveis pelo desenvolvimento e por agrupar e ligar o organismo com os seus diversos elementos e com os objetos, também são conservadoras, em certo sentido, pois visam a que o organismo seja preservado até poder morrer à sua maneira e a seu tempo.

Por um lado, a compulsão à repetição relaciona-se às pulsões de morte, na medida em que pode ser entendida como uma repetição reprodutiva que não visa ao desenvolvimento – o que mostraria a tendência conservadora do funcionamento pulsional. Por outro lado, ela também está vinculada à necessidade de o organismo promover a *Bindung* dos elementos traumáticos, estando, aqui, mais próxima das pulsões de vida.

Freud antecipa, em parte, sua compreensão da fusão pulsional, que só será apresentada efetivamente em *O ego e o id* (1923a). No supracitado texto, vemos como a noção de fusão das pulsões mostra claramente a necessidade de um elemento que pudesse explicar a complexidade da ação das pulsões sobre os objetos. Apesar de indicar a possibilidade de defusão pulsional, na qual cada pulsão procuraria chegar ao seu objetivo de maneira independente, encontramos na ideia de uma ação conjunta das pulsões mais indícios para verificarmos que a compulsão à repetição não está relacionada somente às pulsões de morte. Mesmo quando Freud trata do predomínio da destrutividade, seria impossível encontrarmos

uma desfunção total das pulsões. Em última instância, o predomínio e a anulação total de uma das pulsões são impensáveis e incoerentes com o pensamento freudiano, pois reduzem todo o jogo de relação entre vida e morte, retirando-lhe o caráter de conflito intermitente.

## Compulsão à repetição como resistência do id

Depois de *Além do princípio de prazer*, não haverá uma modificação radical da compulsão à repetição, mas, sim, uma ampliação ainda maior de sua importância metapsicológica e clínica: ela passa a ser considerada resistência do id. Além disso, temos novos elementos que indicam que a compulsão à repetição está relacionada com o próprio funcionamento pulsional.

Em *Inibição, sintomas e angústia*, Freud (1926) apresenta-nos novas contribuições e pistas para o desenvolvimento da psicanálise. No adendo A, intitulado *Modificações de pontos de vista anteriores*, ele amplia ainda mais a importância clínica da compulsão à repetição. Até o momento, as resistências eram regidas pelo ego, e esse último era o responsável por proteger o aparelho psíquico do desprazer que a recordação de determinados eventos poderia lhe trazer. Tratava-se de uma formulação centrada no modelo da primeira tópica e da primeira teoria pulsional. Nesses termos, as resistências teriam o papel de impedir que o recalco sexual ultrapassasse a barreira rumo ao pré-consciente. Os elementos em pauta são as pulsões sexuais, sempre indomesticáveis, por assim dizer; enquanto as instâncias envolvidas são o inconsciente, o pré-consciente e o consciente.

Com a postulação da segunda teoria pulsional e da segunda tópica, fica claro que esse modelo das resistências não consegue tratar de toda a complexidade clínica envolvida. Com as descobertas do dualismo entre pulsões de vida e pulsões de morte, como entender o trabalho das resistências? Ou, ainda, como pensarmos nas resistências relacionadas ao superego, por exemplo? Freud nos apresenta sua concepção sobre esse problema. As resistências passam agora a ter três fontes diferentes: o id, o ego e o superego e cinco formas de manifestação. De fato, essa postulação traz ainda mais complexidade ao trabalho clínico, já que o analista terá de travar luta contra novas e mais poderosas resistências.

1) As resistências do ego – manifestam-se de três formas: transferência, ganho secundário da neurose e recalque. São antigas conhecidas nossas, pois já faziam parte de toda a construção teórica das resistências conforme o modelo da primeira tópica e teoria pulsional.

2) A resistência do superego – uma novidade na segunda tópica, esse tipo

de resistência manifesta-se no fenômeno da reação terapêutica negativa e na necessidade de punição. A resistência do superego, portanto, é uma das mais destrutivas e nocivas ao processo analítico.

3) A resistência do id – trata-se da compulsão à repetição como resistência do inconsciente. Freud verifica a necessidade e coerência em postular a existência da resistência do próprio inconsciente. De fato, isso evidencia a pulsão como elemento conservador por natureza. Ora, se a própria pulsão resiste, como efetuar a análise? Qual é a extensão de nossas possibilidades de análise diante dessa constatação?

Se, em 1920, a compulsão à repetição passou a ser o modo de todo funcionamento pulsional, em 1926, por ser apresentada como uma forma de resistência do id, ganhou ainda mais relevância. Freud, novamente, não faz nenhum apontamento e/ou distinção entre as duas classes de pulsões. Como resistência do id, instância originária da vida psíquica, Freud sacramenta a importância da compulsão à repetição como elemento do próprio funcionamento pulsional.

### **Outros momentos da compulsão à repetição na obra de Freud**

No artigo *Observações sobre a teoria e prática da interpretação de sonhos*, publicado em 1923b, Freud remete-nos novamente à compulsão à repetição. Essas suas considerações deveriam ser acrescentadas ao texto original de *A interpretação dos sonhos* (1900) – o que indica a relevância do tema. Entretanto, esses acréscimos não puderam ser realizados, pois as últimas edições do citado livro foram feitas em chapas que impossibilitavam qualquer modificação. Freud afirma que foi obrigado, em 1920, a atribuir aos fenômenos repetitivos um impulso extremamente forte, que ocorre sob a forma de compulsão à repetição. Trata-se de uma força capaz de superar o recalque, que está trabalhando a favor do princípio de prazer. Nessa situação, é a transferência positiva o que dá assistência à compulsão à repetição. Qual é o significado disso? Acompanhamos Macedo (2011) em sua leitura desse trecho. Segundo ele, vemos como Freud destaca nitidamente a compulsão à repetição relacionada à sexualidade, a Eros, e não diz nada sobre os sonhos que repetem o trauma. Trata-se de uma insistência de Eros, na expressão de Macedo. Insistência também das pulsões no sentido do desenvolvimento, ou seja, das pulsões de vida.

No pequeno artigo *Psicanálise* (1926b), é desta forma que Freud refere-se à compulsão à repetição:

Todas essas forças têm, originalmente, o caráter *pulsional*, ou seja, são de origens orgânicas; caracterizam-se por possuir uma imensa capacidade de persistência (somática) e uma reserva de poder (*compulsão à repetição*) [...] (*Ibid.*, p. 2905, grifos do autor).

Já em 1933a, nas *Novas conferências sobre psicanálise*, Freud retoma a argumentação de que as pulsões buscam estabelecer um estado anterior do desenvolvimento dos organismos. Esse tipo de regressão está relacionado diretamente à compulsão à repetição. Aqui, novamente, vemos que a compulsão à repetição é apresentada como característica de todo o funcionamento pulsional e não somente relacionada às pulsões de morte.

Na conferência sobre a *Feminilidade* (1933b), identifica-se uma importante pista sobre a amplitude da compulsão à repetição. Freud refere-se à possibilidade de a mulher, quando do primeiro filho, reviver a identificação com sua própria mãe. Antes de engravidar, muitas mulheres batalham contra os conflitos relacionados à sua mãe e à maternidade. Com a gravidez e o nascimento dos filhos, ela pode vir a investir libido nos aspectos de suas experiências primevas com sua própria mãe. Nesse processo de reviver os elementos infantis, a mulher, sob o domínio da compulsão à repetição, pode trabalhar no sentido de reproduzir o mesmo tipo de relacionamento de suas figuras parentais. Como exemplo, a compulsão à repetição pode levar alguém a reproduzir o casamento infeliz dos pais. Ao tratar desse assunto, Freud apresenta elementos para pensarmos nas implicações da compulsão à repetição na reprodução transgeracional de conflitos.

Em *Análise terminável e interminável* (1937a), a compulsão à repetição é apresentada como a força constitucional das pulsões. Entre os elementos que podem determinar o fracasso da análise, temos a adesividade da libido, a alteração do ego, a força do trauma e a excessiva intensidade das pulsões. Em última instância, esses fenômenos teriam tais efeitos em decorrência da ação das pulsões de morte no aparelho psíquico. Mesmo nesse momento tardio de sua construção clínica e teórica, Freud ainda não parece seguro em afirmar que a compulsão à repetição é uma forma de resistência do id. Ele chega a afirmar, novamente, que não é correto referir-se a uma resistência do inconsciente. Ademais, esse tipo de repetição está relacionado com o fenômeno resistencial da reação terapêutica negativa. É, sobretudo, nesta última que se pode verificar a compulsão à repetição em sua relação com a necessidade de punição, advinda do superego.

Já no final de sua obra, em *Moisés e o monoteísmo* (1939), Freud aborda novamente o trauma. Os efeitos desse último são tentativas de colocá-lo em movimento e integrá-lo, tornando possível a construção de sentido para a vivência

que não pode ser recordada. Busca-se reviver o relacionamento afetivo com os objetos primários, relacionando-se com outras pessoas de maneira análoga ao relacionamento primitivo de outrora. Pode-se entender esse fenômeno como fixação no trauma e como uma compulsão para repetir. Vemos que a compulsão à repetição é relacionada à formação do caráter, não se fixando apenas em sintomas mais específicos e circunscritos. Freud dá o exemplo de uma menina que, tendo sido seduzida na infância, busca de maneira constante provocar nos homens ataques semelhantes aos que ocorreram em seu relacionamento primitivo com o objeto. Nesse momento, compulsão à repetição atua onde a *Bindung* falhou. Trata-se de reproduções relacionadas aos elementos pulsionais não-ligados.

### **Dimensões da compulsão à repetição**

A compulsão à repetição é um conceito difícil de compreender, pois engloba fenômenos que não parecem se relacionar de maneira muito harmoniosa. De certo modo, trata-se de uma “[...] subjetividade em ação que ignora a si mesma, uma força, um querer [...]” (Green, 2008, p. 147). Contudo, definir essa coerção à repetição é algo complexo. Nenhuma noção psicanalítica é tão desorientadora (Monzani, 1989). Ora ela parece estar sob a égide do princípio de prazer, ora parece estar em total desarranjo e contradição a ele.

Como vimos, na obra de Freud, a compulsão à repetição, desde sua postulação em 1914, passa por ampliações importantes. Vejamos:

a) *Situada em relação ao princípio de prazer e em vinculação com as pulsões de vida*

São repetições relacionadas à sexualidade e às vivências infantis. Estamos sob a égide do princípio de prazer. As atuações (*Agieren*) mostram-nos efetivamente o trabalho desse tipo de repetição: elas estão a serviço das resistências. Assim, o analisando reproduz o recalco como ato e não como recordação.

Em *Além do princípio de prazer*, vimos de que forma a compulsão à repetição passa a ser vista como uma característica do funcionamento pulsional. Nas atuações relacionadas ao retorno do recalco sexual, temos a ação das pulsões de vida. Não se pode desconsiderar que o próprio desejo é uma tendência a repetir a satisfação obtida. Quando se desconsidera a insistência de Eros (Macedo, 2011), esquece-se que o desejo é desejo de repetição. Se entendermos que a compulsão



à repetição é característica de todo funcionamento psíquico e da pulsão, não podemos desconsiderar a insistência das pulsões de vida.

b) *Além do princípio de prazer e relacionada às pulsões de vida e às pulsões de morte*

Nesse ponto, a compulsão à repetição não está submetida ao princípio de prazer, atuando de forma independente dele. São repetições que estão relacionadas com o mais pulsional, com o caráter *demoníaco* das pulsões de morte em seu trabalho de desligamento. Trata-se de repetições do traumático em conexão com os elementos pulsionais não-ligados. Pensamos não somente no trauma relacionado a eventos e vivências, mas, sobretudo, no trauma originado pelo excesso da própria pulsão. Freud mostrou-nos que as forças pulsionais precisam ser destinadas, pois, como elemento corporal/psíquico que exige constante trabalho, elas são transformadas, mas nunca desaparecem.

Nesse mesmo sentido, concordamos com Cintra (2000) que a concepção da compulsão à repetição relacionada ao caráter repetitivo da própria pulsão se aproxima do pensamento de Freud, pois traz a ideia de uma repetição pulsional sem destino, repetindo-se pela própria necessidade de repetir-se. Cintra usa a ótima expressão *intersubjetividade desejante* para indicar a imprescindível função do objeto nesse trabalho de destinação das pulsões:

Toda pulsão estaria destinada antes de mais nada a repetir-se, como se estivesse se rerepresentando até que pudesse surgir um aparelho psíquico capaz de metabolizá-la através de representações e caminhos de descarga. A marca desta “não-destinação” originária – repetir-se cegamente – estaria inscrita nela como a única alternativa possível nos casos em que um bebê não encontra a situação de *intersubjetividade desejante que permite a criação da fantasia e da função simbólica*. Não receber a marca de uma destinação seria então aquilo que há de mais impessoal na pulsão (p.70, grifos nossos).

A compulsão à repetição relaciona-se diretamente ao trabalho autodestrutivo das pulsões de morte. Esse tipo de repetição do mesmo ocorre onde a *Bindung* não realizou seu trabalho. Sem dúvida, nessa repetição do mesmo, há um movimento narcísico pulsional: a pulsão se repetiria de acordo com sua natureza de fechamento em si mesma. Ora, esse não é justamente o seu caráter conservador narcísico? Esse tipo de repetição, assim, teria vinculação com uma espécie de

narcisismo da própria pulsão. Nesse ponto, pode-se pensar na concepção de Green (2008) sobre o narcisismo de morte ou negativo, que visa à anulação das tensões, em um fechamento narcísico, comandado pelas pulsões de morte.

É de grande valor a contribuição de Figueiredo (2008) sobre o assunto. Primeiramente, esse autor não define o que é a compulsão à repetição, tampouco minimiza a amplitude da noção. A nosso ver, esse tipo de abordagem está plenamente de acordo com a complexidade desse fenômeno. Qualquer reducionismo seria, por natureza, a simplificação de uma das noções psicanalíticas mais difíceis.

O que Figueiredo nos propõe é pensarmos na compulsão à repetição relacionada às pulsões de morte sob três dimensões não excludentes: 1) como autodestruição, que ocorreria pelo processo de desligamento; 2) apesar de a repetição possuir esse caráter destrutivo, também mostra uma tentativa de preservação. Repete-se para promover a autoafirmação do mesmo – autoafirmação da pulsão? –, a despeito do fato de que o mesmo não admite o outro e a diferença e, portanto, possui um elemento indiscutivelmente narcísico. É o próprio narcisismo de morte ou negativo em ação; e 3) mesmo nessas repetições pulsionais relacionadas às pulsões de morte, independentes do princípio de prazer, há uma insistência no sentido da busca pela vida. Quase que desesperadamente, buscam-se os bons objetos primordiais. Entrecruzam-se a vida e a morte; o eu e o outro; o aqui e o lá; e o mesmo e o outro primordial. Mesmo sob o comando das pulsões de morte, a compulsão à repetição exprime a insistência da destruição e dos aspectos vitais do ser humano.

### *c) Como resistência do inconsciente*

Em nosso entendimento, é aqui que a compulsão à repetição passa a ter um aspecto ainda mais autodestrutivo, pois ganha o estatuto de resistência da própria pulsão. Como é possível analisar quando é a própria pulsão que resiste ao trabalho analítico? Trata-se de reconhecer o limite de nossa prática, identificando-o justamente na pulsão?

Relacionados às resistências do id, podemos verificar o sentimento inconsciente de culpa, a necessidade de punição e a reação terapêutica negativa. Esses fenômenos clínicos colocam à prova a nossa disciplina como processo terapêutico, pois evidenciam a cristalização de certos elementos psíquicos que não podem ser alterados em sua essência. Não é sem razão que, tardiamente, Freud publicou textos como *Análise terminável e interminável* (1937a) e

*Construções em análise* (1937b), nos quais a técnica e os limites da análise são questionados. □

## **Abstract**

### **Repetition compulsion in freudian metapsychology**

The intention of this paper is to present the freudian uses of the concept of repetition compulsion. We highlight three moments related to his work: 1) the postulation of this type of repetition in *Remembering, repeating and workingthrough* (1914); 2) the operational way of the driving force and basis for supporting the death drives, as it is found in *Beyond the pleasure principle* (1920); and 3) its use as a resistant way of the id in *Inhibitions, symptoms, and anxiety* (1926). We indicate two dimensions of this concept: 1) acting to establish the binding work (*Bindung*); and 2) repetition as an element of the drives nature. We finish emphasizing that Freud worked on the conception of repetition compulsion within a constant relation and reflection about the dialectics between the life drives and the death drives.

Keywords: repetition compulsion, drive, transference, acting out.

## **Resumen**

### **Compulsión de repetición en la metapsicología freudiana**

Nuestro objetivo es presentar los usos que Freud hace del concepto de compulsión a la repetición. Subrayamos tres etapas: 1) la postulación de esa repetición en *Recuerdo, repetición y elaboración* (1914); 2) el modo de funcionamiento pulsional y la base para el apoyo de las pulsiones de muerte como se ve en *Más allá del principio placer* (1920); y 3) su uso como una forma de resistencia del ello en *Inhibición, síntoma y angustia* (1926). Se indican dos dimensiones de este concepto: 1) la función de establecer el trabajo de ligadura (*Bindung*); y 2) la repetición como elemento de la naturaleza de las pulsiones. Se concluye poniendo de relieve que Freud trabajó el concepto de compulsión de repetición en una relación constante y reflexión sobre la dialéctica entre las pulsiones de vida y las pulsiones de muerte.

Palabras clave: compulsión de repetición, pulsión, transferencia, actuación.

## Referências

- Assoun, P-L. (2009). *Dictionnaire des oeuvres psychanalytiques*. Paris: PUF.
- Bleichmar, H. (1988). *Angústia e fantasma: matrizes inconscientes no além do princípio de prazer*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cintra, E. M. U. (2000). *Pulsão de morte e narcisismo absoluto: estudo psicanalítico da depressão*. Tese de doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 301f.
- Figueiredo, L. C. (2008). Transferência, contratransferência e outras coisinhas mais, ou a chamada pulsão de morte. In *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea* (pp. 127-158). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1895). Estudos sobre a histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2), Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1900). La interpretación de los sueños. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol.1, pp. 343-720), Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- Freud, S. (1914) Recuerdo, repetición y elaboración. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol.2, pp. 1683-1688), Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- Freud, S. (1919) Lo siniestro. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 2843-2505), Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- Freud, S. (1920). Além do princípio de prazer. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente 1915-1920* (Vol. 2, pp. 123-198), Rio de Janeiro: Imago 2006. Coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns.
- Freud, S. (1923a). El yo e el ello. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 2701-2728), Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- Freud, S. (1923b) Observações sobre a teoria e prática da interpretação de sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 124-136), Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1926a). Inhibicion, sintoma y angustia. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 2833-2883), Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- Freud, S. (1926b). Psicoanálisis: escuela freudiana. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 2904-2909), Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- Freud, S. (1933a). Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 3101-3206), Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- Freud, S. (1933b). Feminilidade. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 13-177), Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1937a). Análisis terminable e interminable. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 3339-3373), Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- Freud, S. (1937b). Construcciones en psicoanálisis. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 3365-3373), Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

- Freud, S. (1939). Moisés y la religión monoteísta: tres ensayos. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 3239-3324), Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Green, A. (1988). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In A. Green *et al.*, *A pulsão de morte* (pp. 53-64). São Paulo: Escuta.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP. Depto. de publicações.
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (1995). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Macedo, H. O'D. (2011). Leitura de *Além do Princípio de Prazer*: a insistência de Eros. In *Cartas a uma jovem psicanalista* (pp. 73-82), São Paulo: Perspectiva.
- Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento* (2 ed.), Campinas: Unicamp.

Recebido em 09/07/2012  
Aprovado em 08/01/2014

Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

**Douglas Rodrigo Pereira**

Rua Afonso Furtado de Mendonça, 50, Jardim Silvina  
09791-000 – São Bernardo do Campo – SP – Brasil  
e-mail: pereira.dougridro@gmail.com

**Eva Maria Migliavacca**

Av. Professor Mello Moraes, 1721, Butantã  
Caixa-Postal: 66261  
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil  
e-mail: emiglia@usp.br

© Revista de Psicanálise – SPPA